

Contrato Suicida

“A literatura é sempre uma expedição à verdade.”

Franz Kafka

A primeira providencia que Rose tomou depois que se formou foi voltar à Araguaína - TO. Conseguiu um emprego em uma emissora de rádio da cidade e, após morar um tempo na casa de Maria Clara, mãe de Fernando, foi dividir uma pequena casa de três cômodos próxima ao Mercado Municipal no centro da cidade, com um colega de trabalho. Quando Fernando foi visita-la na casa nova é que conheceu o André. Atravessavam as noites ao som de Janis Joplin, Raul Seixas, Pink Floyd e muito rock nacional, sem deixar de mencionar os medalhões da M.P.B. e muita cerveja. Fernando percebeu que ele era inteligente, mas, por ser muito ansioso em expor suas ideias, acabava meio deprimido, talvez por não se fazer entender.

Rose tinha um namorado que era amigo de Fernando, o que o levou a frequentar mais assiduamente sua casa. A afinidade entre os quatro foi aumentando e Fernando foi percebendo que André era mais complicado do que imaginava.

Quase todo fim de semana estavam lá, ouvindo música, bebendo e filosofando. Mauro, namorado de Rose, era o único fumante. No início dos encontros, entretanto, André acabou aderindo aos prazeres inebriantes da nicotina. Nessas noites animadas, às vezes melancólicas, discutiam sobre quase tudo: perspectivas para o futuro, política, religião, o passado recente, os amigos, relações com os pais, trabalho, estudo, filosofia, literatura, música e de novo o futuro...

Em uma de suas incursões pela cidade conheceram um artesão andarilho, o Pedrinho, que passou a frequentar a casa contando suas idas e vindas pelo Brasil e alguns países da América do Sul. Pedrinho usava maconha e André o acompanhou. Fernando e Rose só cerveja e vinho. Vez por outra Mauro também usava maconha lá pelas tantas da madrugada quando discos voadores, vermes que controlavam mentes e pessoas que pareciam que sabiam o que estavam pensando era o assunto em voga. Eles ficavam inebriados com as aventuras que Pedrinho narrava. Ele era de Santa Helena - PR, e sua família era de boa condição. Era grande, olhos claros, usava barba e bigode, tinha tatuagens e sempre andava sem camisa. Levava todos os seus pertences numa mochila. Bermuda rasgada, chinelo de couro e um sorriso no rosto. Esse era o Pedrinho.

Um conhecido deles começou a frequentar a casa. Um cara com muitos contatos no submundo do crime e com a malandragem da cidade. Vando chegou de mansinho e, como conhecia Fernando e o respeitava, ficou na dele só observando o movimento. Até que percebeu a relação entre Pedrinho e André e achou que poderia levar vantagem naquilo. André estava empregado e sempre tinha algum dinheiro e Pedrinho só alguns trocados. Foi Vando quem apresentou Fábio a André. Vando já havia dito a Fernando que o Fábio era perigoso e que era pra ele tomar cuidado com as palavras por que ele se irritava fácil com qualquer coisa que não entendia. Ele ficou mais ligado do que nunca e alertou Rose. Apesar de ficarem inseguros com sua presença, ele se dava bem com o André, e assim foram levando a situação.

Foi nesse momento que começou a aparecer maconha em quantidade e cocaína também, eles ficavam incomodados por Fernando, Rose e o Mauro, que aparecia com menos frequência ainda, talvez receando algo, não partilharem o uso de drogas com eles, mas não havia atritos. O Fábio era o mais desconfiado, pois ele é quem trazia as drogas. Nesse momento é que surge a Maria Loura, também conhecida como “Alôra”, que fazia serviços de manicure pra Rose. Recomendada para servir Rose no quesito estética feminina, logo percebeu o que rolava e sempre que podia estava viajando com a “esquadrilha da fumaça”. Como não tinha dinheiro para contribuir nos comes e bebes e etc., ela mantinha a casa limpa, fazia comida e lavava as roupas da Rose e do André por um preço módico.

Às vezes iam ao Mercado Municipal comprar comida e bebida. O Fábio era quem sumia por um dia ou dois em busca de drogas nos bairros periféricos da cidade. Vando disse a Fernando que ele sempre andava armado.

A amizade entre André e Fábio se estreitava cada vez mais, sobretudo porque o André havia comentado com a gente que já estava acertada uma demissão amigável na empresa em que trabalhava e iria receber uma boa soma em dinheiro. Fábio viu a oportunidade e se aproximou mais ainda de André, alimentando suas paranoias e mudando a ideia de André em relação a viagem com o Pedrinho pela América do Sul, que, percebendo o clima pesado que surgia, decidiu ir embora e nunca mais foi visto. André não gostou da sensação de ser abandonado pelo amigo sem maiores explicações e, sem mais nem menos, ele e Fábio brigaram feio.

Rose não estava gostando das atitudes de “Alôra” que, cada vez mais se embrenhava no uso de drogas e deixava os afazeres de casa em segundo plano. Nesse meio tempo Rose recebeu uma boa proposta para trabalhar em outra cidade. Deixou seus pertences aos cuidados de André e “Alôra” que, vez por outra pernoitava na casa, e foi em busca de algo melhor que a realidade.

O tempo passa e os projetos se tornam vagas e tristes lembranças do que um dia foi o motivo da luta pela vida, pela alegria e pelo futuro dos seus. Ao perceber a impossibilidade do intento, André se entrega ao ócio, a apatia e por fim à busca por um alento paliativo da dor física e moral através de algum inebriante refúgio, que certamente tornará seus tristes dias mais longos e seu inexpressivo caminho vazio e breve.

A ausência de Rose fez com que Fábio acelerasse a execução de seu plano de utilizar o dinheiro de André com drogas, roupas, mulheres e, é claro, uma boa parte da quantia para seu próprio bolso. Num acordo com “Alôra”, Fábio e André vendem os objetos que Rose havia deixado: geladeira, fogão, mesa e cadeiras, roupas, livros e etc.

Após esse feito e com a adrenalina a mil, muitos planos e consequências foram levantados. Maria Loura, ficando cada vez mais assustada com as ideias loucas que surgiam, também caiu fora levando alguns objetos da antiga inquilina e, é claro, drogas e algum dinheiro. André, já desfigurado física e mentalmente, resolveu por fim em toda a história e decidiu que o melhor seria dar cabo da própria vida. Como seus fortes conceitos cristãos o impedia de executar tal ato, propôs a ideia a Fábio dizendo que não tinha coragem pra isso. Fábio levou na brincadeira achando-a tão louca que não deu muita importância no momento, mas quando André disse que se ele cumprisse o combinado ficaria com todo o dinheiro, Fábio falou que seria melhor que fossem para uma cidade menor onde não eram conhecidos, e o destino escolhido foi Palmeirante, a pouco mais de cem quilômetros dali. Contudo, pensando que André estava “doidão” por causa das drogas, Fábio achava que haviam ficado amigos e confessa que foi ele quem ameaçou o Pedrinho e o pois pra correr, e que ele só iria atrapalhar o negócio deles. Alguns dias depois, sem mais nem menos, Fábio o engana e foge levando algumas roupas, dinheiro e drogas.

O descontrole leva à perversão, a perversão leva ao excesso...

...mas somos da mesma matéria da qual são feitos os sonhos, e nossa curta vida está envolta pelo sono.

Triste pela solidão e furioso pela traição, André perambula pelos sujos bares periféricos levantando informações sobre como contatar um pistoleiro, e descobriu que a maioria deles vinha do Pará, e que em região de garimpo era fácil encontrar gente desse tipo.

Seguindo uma dica, partiu para Jacundá onde foi ao conhecido bar e restaurante “Adeus Mamãe”, nome tirado das enormes escadas de Serra Pelada de onde muitos exauridos garimpeiros caíam encontrando morte certa. O local era um barracão de madeira de lei e chão batido onde os “clientes” se sentavam às mesas em bancos, que cabiam umas cinco pessoas, feitos de grossas tábuas de

Mogno ou Angelim. Sentou-se em um deles e pediu uma cerveja. Um homem veio em sua direção com um pano encardido no ombro dizendo que primeiro o dinheiro, depois a cerveja. André pagou e o homem veio com uma Cerpa não muito fria e ele perguntou se tinha Brahma. O homem já meio zangado disse que só tinha aquela, e o jeito foi encarar.

Quando terminou já se sentia tonto, pois o teor alcoólico da cerveja era bem maior que o das outras. Já meio que familiarizado com o dono do bar, o chamou e disse a que veio. Adelson o encarou e sorriu meio que com desprezo, sabia que não era das redondezas devido ao jeito de falar e se vestir, e chamou um dos homens que bebiam por ali. Cochichou em seu ouvido e o apresentou como “mineirinho”, porém seu nome era Jeovânio e nunca pôs os pés em Minas Gerais. Após explicar detalhadamente o que queria fazer, o homem com os olhos arregalados, se afastou um pouco e, incrédulo no que acabara de ouvir, o observou cuidadosamente de cima a baixo, se levantou e foi ao balcão. Pediu uma cachaça maranhense, um copo cheio que bebeu aos goles, chamou o dono do bar e conversaram baixo por alguns minutos, estavam desconfiados de que se tratava de alguma armadilha ou golpe. Não acreditavam na “sugesta” absurda do rapaz, nunca ouviram falar daquilo. Adelson foi até André enquanto Jeovânio saía devagar olhando o rapaz de rabo de olho até a porta, depois sumiu. Adelson disse a ele que era melhor ele ir embora, que o assunto que o trouxe ali o faria perder bons fregueses e poria ele e sua família em risco. André saiu de cabeça baixa andando sem direção por alguns minutos quando, levantando os olhos, viu outro bar e se dirigiu com determinação ao mesmo. Chegou a passos largos até o balcão, mas foi como se tivesse alguma doença contagiosa, todos saíram do local, o dono saiu pelos fundos vociferando alguma coisa, ficando apenas um sentado de costas que logo levantou a cabeça e, olhando em volta, encarou zangado o rapaz... Era o “mineirinho”! Levantou-se resmungando alguma coisa, jogou algum dinheiro na mesa e saiu. Na porta do bar ele olhou de lado para André e disse que já estavam calejados com os desmandes dos políticos da região, herdeiros da pior fase do regime militar, e para que o Governo, a Polícia Federal, os grileiros de terras ou seja lá quem for, os deixasse em paz, não queriam problemas. O jeito foi voltar à Araguaína frustrado e encabulado com tudo aquilo que, devido ao álcool e drogas, ficou sem entender muito bem o que aconteceu.

Alguns dias depois, voltando pra casa em mais uma das noites perdidas, de cabeça baixa, mãos enfiadas nos bolsos, as pernas duras como bambu, ele fica no meio da rua sentindo a saliva grossa e amarga quando percebe uma silhueta no escuro. Será possível que nesse momento, próximo à sua casa, alguém esteja á espreita, observando-o? Do corpo do observador ele não tem certeza. Até mesmo a mancha de sombra mais clara que ele pensa ser o rosto talvez não passe de um reflexo na parede. Mas quanto mais ele olha mais

intensamente parece haver um rosto olhando para ele. Sua imaginação está cheia de homens com olhos reluzentes parados ao pé de um sujo balcão, que o observam dos pés a cabeça antes de cuspir no chão. Entretanto, quando ele passa por um trecho da rua sem iluminação, a sensação de outra presença se torna tão forte que um calafrio percorre suas costas. Ele para, prende a respiração, escuta. Então acende um isqueiro. Num canto, há um homem agachado, piscando diante da luz que, embora tenha um cobertor cobrindo até a boca e um boné na cabeça, ele reconhece: Era Fábio. André pergunta com voz tremula o que ele quer, dizendo ainda para deixá-lo em paz. Fábio sacode a cabeça com firmeza. Tira o cobertor e o boné e diz que ele não pode lhe dar ordens. “Há um cheiro de peixe podre no ar.” Pensou André. O isqueiro se apaga. Ele começa a se dirigir ao portão de casa quando a dúvida retorna. “Que chateação!” Pensa ele. “Sempre espere o inesperado!” Não tenho que tratar bem cada filho da puta que conheço. Devo mesmo abraçar cada um para ter certeza de que será aquele que vai me ajudar? Apostar em todos os números. Será um jogo? Sem os riscos de se submeter a um julgamento, creio eu, porque Deus sabe disso e terá piedade do jogador dedicado. Venha, disse André olhando para a escuridão. Ele acende novamente o isqueiro para que o outro pegue suas coisas e saia da sombra. Cambaleando como ébrios eles entram. André liga a luz e olha em seus olhos procurando a jovialidade de antes, mas não encontra. Há algo de cansado e velho também em sua postura, mas ele disfarça. Fábio pergunta a ele como alguém com seu passado se transforma em algo rastejante a ponto de vir até sua casa lhe pedir desculpas, ou seja lá o que for. Disse que estava com o mau cheiro dos mendigos impregnando suas roupas, pois, era incapaz de se submeter à rotina de um trabalho honesto. Que veio até ele porque não sabia ser outra coisa a não ser o que sempre foi: um criminoso. Enquanto Fábio tagarelava o pensamento de André estava em outro ponto. Não iria repetir a estupidez de confiar nele outra vez apenas pra se livrar da velha ansiedade por alguns dias. Não tinha vergonha de pensar no inevitável. Lágrimas rolam de seu rosto e ele pensa: Deus me ouviu! Ele interrompe Fábio com firmeza e diz que conversarão mais tarde. Fábio pergunta se ele vai ajudá-lo e André, malicioso, diz a ele que não precisa ter medo de ser o que é. Assim como não precisa se envergonhar de ter feito o que fez. Esses impulsos providenciais parecem nos rebaixar, mas na verdade nos exaltam. Não se preocupe, Ele os vê e registra cada um, Ele enxerga através de nossos corações. Por isso repito, não tenha medo de ser você e me ajude, faça o que sabe fazer sem remorso, sem culpa, sem dor. Liberte esse pobre corpo dessa triste vida. Com grande esforço Fábio levanta a cabeça e encara André com a boca seca e amarga. Se aproxima de André e pensa em abraçá-lo. André, frio e impassível, desvia o olhar e vira pro lado. Fábio, numa reviravolta de sentimentos, franze a testa e pensa: então são só negócios. Pega um colchonete atrás da porta e se deita de frente para a parede. Não dorme. Pensa em sua mãe, em sua vida até ali, pensa até em Deus e

se realmente ele está lá em cima vendo tudo aquilo. Pensa nos poucos amigos e naquilo que terá que fazer, respira fundo, relaxa e finalmente dorme.

Aos poucos André retoma as amizades, boas e ruins. Nesse meio tempo conhece Márcio, irmão de Fábio, e se tornam amigos. Fábio, talvez com um grande peso na consciência, viaja pra casa da mãe prometendo a André que não demoraria. Márcio tem esposa mas o casamento com Naiane não ia muito bem. Ela estava grávida e Márcio se afundava cada vez mais em noitadas intermináveis na casa do André. Sempre que discutiam ela dizia que ele estava se viciando, e ele ficando cada vez mais descontrolado e zangado com as acusações de falta de atenção a ela e ao compromisso de chefe de família. A gota d'água aconteceu quando cortaram a energia da casa por falta de pagamento numa manhã de quinta-feira. Eles discutiram feio e Naiane disse que se ele não tomasse vergonha e resolvesse a situação ela iria embora no fim da semana. Márcio saiu zangado, ofendido pelas palavras duras da esposa, disse a ela que resolveria o caso de uma maneira ou de outra. Mas em vez buscar uma solução, foi pra casa do André, onde se drogou até a manhã de domingo quando resolveu ir embora. Chegando em casa num estado deplorável, Naiane o recebeu furiosa. Depois de muito bate boca ela disse que iria embora e começou a fazer as malas. Márcio perde o controle e põe fogo no colchão, a tranca no quarto e sai de casa correndo sem rumo. Naiane grita e é socorrida por vizinhos que chamam a polícia. Márcio foi preso e internado em uma clínica para recuperação de viciados em drogas em Goiás, onde descobriu que era soropositivo e morreu depois de pouco mais de um ano. Naiane volta à casa dos pais no Maranhão.

Alguns dias depois Fábio aparece na casa de André querendo conversar sobre o irmão. André o recebe bem e põe as diferenças de lado, talvez por causa do ocorrido com Márcio. Os dias passam e André, cada vez mais nervoso, conversa seriamente com Fábio sobre a proposta de ir à Palmeirante realizar seu plano macabro e, para surpresa de André, Fábio aceita de imediato. Dois dias depois, chegam à cidade e alugam um quarto num hotel distante do centro. O quarto era estreito e comprido, não tinha vizinho em nenhum dos lados, o cômodo beirava a um matagal conhecido como “juquira”.

Após alguns dias de farra, Marcela e Nanda já estão íntimas no que diz respeito às conversas entre André e Fábio. Na verdade elas sabiam de quase toda a história, uma parte mais ou menos contada pelos dois e outra “pescada” nas conversas, e discussões, entre eles. Marcela, que dormia com Fábio, queria é se divertir ao máximo e guardar algum. Nanda era romântica e pensou logo que iria se dar muito bem com o “sentimental” André.

Uma noite André acorda e pensa estar sozinho no quarto quando, na penumbra, vê as duas dormindo no colchão de Fábio, que havia saído. Ele observa que Marcela está no lado oposto da cama, de costas para ele, com os

braços lindamente erguidos sobre a cabeça, como uma bailarina. Os cabelos lisos e compridos não cobriam as belas nádegas da morena. Do outro lado, em posição fetal, estava Nanda com um dos braços por cima da amiga, como se a protegesse, sua respiração era profunda e suave. Ele se levanta para ver mais de perto, está bêbado e nu. Acende um baseado com o intuito de turbinar os pensamentos obscenos, mas o corpo pesa, a cabeça cai e tudo o mais. Quando ele torna a acordar é dia. O quarto está vazio, e passa um dia nervoso pensando nas garotas. No fim da tarde Fábio retorna com as garotas e traz comida e bebida. André pergunta onde ele esteve e ele diz que foi dar uma respirada, e veio chamar todos para almoçar, tentou acordá-lo, mas não conseguiu. André ficou zangado e desconfiado de tudo aquilo, contudo resolveu comer e ir falar bobagens com as moças, que ficaram fazendo graça pra ele com a ideia de acalmá-lo. Ele se entristece e diz que desde sempre a vida parece um fardo, e mesmo sua condição humana e formação religiosa não é suficiente para controlar sua condição animal. Elas riem daquilo tudo mesmo sabendo que eles percebem que elas não entendem bem o que André está dizendo. Ele sorri e diz que a situação toda é uma fatalidade e que o poder que rege o universo utiliza os homens para o bem e para o mal, desde que cumpram seus desígnios. Quanto mais ele pensa mais a dúvida aumenta, contudo sabe que não deve aceitar seu destino sem lutar mesmo que já saiba de seu desfecho. Fábio se levanta e pega uma cerveja na caixa de isopor. Nanda entende sua atitude e pega os copos servindo a todos. André bebe o primeiro copo em poucos goles e recomeça a divagar. Diz que seu espírito vacila diante de tantas dúvidas sem chegar a uma decisão diferente daquela que havia sido tomada no início da viagem. Marcela cochicha no ouvido de Fábio, depois diz em voz alta, se dirigindo a Nanda, que acha o André inteligente e o respeita, mas que deveriam conversar sobre outras coisas, como o show de forró que vai acontecer no fim de semana. Se comprarem os ingressos até quinta feira sai pela metade do preço. Fábio cai na rizada dizendo que o André não sabe dançar. Nanda diz que pode ensiná-lo, mas André, irritado, se levanta e abre mais uma garrafa.

Já passava da meia-noite quando André levantou os olhos e, mais uma vez, estava só. Meio sonolento, sua cabeça dói. O pesadelo volta a atormentá-lo. Toda aquela conversa retumbava em seu cérebro. Quanto mais pensava naquilo, mais crescia a certeza de que aquele desejo não pertencia a uma pessoa normal. O ferimento na alma só crescia com o silêncio das trevas que fazia lá fora. Se existia alguma coisa que ele desejasse com maior ardor, mais secretamente, no fundo de si mesmo, era reduzir a ruínas esse mundo cheio de sofrimento e injustiça. Contudo, com o poder que tinha em suas mãos, o único mundo que poderia por fim era o seu.

Por mais que pensasse, examinasse sob todos os ângulos, a decisão que havia tomado iria se concretizar. Nesse momento chega Fábio, sozinho. Senta

no colchão e pergunta se está tudo bem. André não diz nada, e ele comenta que pediu a Nanda que comprasse os ingressos e deu mais algum pra ela comprar roupa e calçado. André discute e grita com Fábio, diz que está farto de tudo isso e não aguenta mais ver todo mundo de divertindo as suas custas sem que se esforçassem o mínimo para que o compreendessem. Após jogar na cara de Fábio que estava cansado de bancar todas as despesas com prostitutas e drogas, André resolveu cobrar o combinado, ou seja, no fim da farra, que Fábio desse fim à sua vida ficando com o dinheiro, drogas e armas como pagamento pelo serviço. Fábio tentou argumentar, mas André foi incisivo. Após idas e vindas Fábio o convenceu de que deveriam cavar uma sepultura no matagal próximo ao quarto, talvez para que não houvesse prova do assassinio ou para que Fábio ganhasse tempo usufruindo das benesses do outro.

No dia seguinte foram ao comércio local e adquiriram enxada, picareta, machado, facão, pá, cordas, roupas de cama, comida e bebida.

Após a vala feita, André confirmou o acerto com Fábio, que cumpriria o combinado enterrando-o ali mesmo após mais alguns dias de orgia.

Marcela chegou a comentar, com um policial seu conhecido que fazia ronda na rodoviária da cidade, sobre a arma e as drogas que vira no quarto dos rapazes, mas a informante não inspirava muita confiança e ficou por isso mesmo.

À noite, André resolveu que os dias de farra já haviam passado e decidiu que era hora de cumprir o combinado. Comunicou a Fábio, que fingiu levar na brincadeira, mas André insistiu que ele mantivesse sua palavra. Fábio tentou argumentar para que ele mudasse de ideia, pois eles estavam por cima e que aquilo não era hora de perder a cabeça. Disse ainda que ficasse calmo, pois ainda tinham “muito o que curtir”. André ficou possesso e esbravejou com Fábio, que já não tinha mais como demover André da ideia de morte, disse a ele que aquilo tudo era bobagem, uma fantasia que só existia na cabeça dele e que os dois deveriam ir embora enquanto havia recursos. Ele faz uma pausa nos argumentos. Sua cabeça gira, subitamente está exausto e desmorona no colchão. Por traz dos olhos fechados ele tem uma visão de André andando em sua direção. André pensa em dizer algo, mas seu raciocínio só tem um objetivo. Finalmente todos esses anos de agonia vão terminar, finalmente ele tem outras mãos que façam o serviço. Está a ponto de sorrir para Fábio, um sorriso de alegria, mas também de alívio. Fábio se liberta da letargia. Sua próxima frase já esta pronta, atormentando seu juízo. “Tenho um dever para com ele e não posso falhar!”

Fábio sacode a cabeça, tenta se concentrar na realidade. As palavras parecem não ter lógica. Fica parado diante de André como alguém que deu

“branco”. O silêncio fica mais denso no quarto. Um peso ou uma paz, ele pensa. Sente que alguma coisa vai acontecer naquele momento e ele não pode fazer nada para impedir. André fica irado e começam a discutir sério. Os dois estavam de lados opostos do cômodo, um em cada colchão. O revólver calibre trinta e oito estava no colchão de Fábio que, percebendo que não conseguiria fazer André mudar de ideia disse que ele não faria aquilo, que era loucura e iria embora naquele momento. André não responde. É como se uma neblina se instalasse em seu cérebro. Segundos depois, num momento de lucidez, diz que não sabe como explicar, que se sente triste e ansioso com aquela situação, e que sabia que o que lhe interessava, interessava a ele também. Que o jogo que estão jogando só existe uma forma de terminar. Foi então que André se levantou descontrolado, dizendo a Fábio que se não cumprisse o combinado ele o mataria ali mesmo. André pega um machado e avança em direção a Fábio que, se vendo sem saída, pega o revólver e atira várias vezes em André, que cai a seus pés já sem vida. Passa alguns instantes e a realidade de seu ato explode em sua cabeça. O apavorante silêncio faz seu corpo tremer, e só então consegue ouvir sua respiração. Se levanta e rapidamente guarda numa mochila a arma enrolada na sua toalha de banho. Põe também as droga e todo o dinheiro que André havia retirado do banco. Receoso de que o barulho dos tiros pudesse chamar a atenção de alguém, saiu o mais rápido que pôde. Olhou uma última vez para André caído de bruços numa poça de sangue e balançou a cabeça fechando os olhos às lágrimas, como se não concordasse com o que houve. Após sair em disparada e sem rumo, percebeu que não tinha uma rota de fuga. Pelo mato era impossível, não conhecia a região.

Correu, então, por desespero ou ingenuidade mesmo, para o único lugar onde poderia conseguir uma condução para sair dali: a rodoviária.

Chegando lá, comprou uma passagem de destino ignorado e, fingindo tranquilidade, aguardou o ônibus. Não demorou muito e a mulher de quem ele havia alugado o quarto chegou acompanhada da polícia e foi logo apontando o dedo em sua direção. Fábio foi algemado e levado de volta ao local do crime onde contou toda a história. Os policiais ficaram perplexos com a descrição dos eventos que culminaram na morte de André. Contudo a desinformada imprensa local tratou o caso como mais um crime corriqueiro sem grandes atrativos. Fábio foi julgado e internado numa instituição para recuperação de viciados em drogas. No auge de uma crise de abstinência chegou a injetar na veia água da caixa de gordura (esgoto doméstico). Morreu em uma briga com um dos internos no mesmo ano.

Orestes Branquinho Filho